

ENTREVISTA:

BORIS SCHNAIDERMAN

Boris Schnaiderman é um dos grandes intelectuais brasileiros. Graças a ele, pudemos começar a fruir a literatura russa a partir do original. Boris tem um perfil, que já foi regra no Brasil e hoje é exceção: junta a prática acadêmica com o exercício do jornalismo literário, o culto aos clássicos com o interesse pelos novos escritores. Em suas várias décadas de dedicação à cultura brasileira, Boris produziu uma obra crítica e de divulgação ímpar que tornou o português uma das línguas em que melhor se podem ler alguns dos grandes textos da imensa literatura em língua russa. Sua obra inclui desde um original relato autobiográfico (Guerra em surdina), como ensaios sobre autores russos e brasileiros: entre estes últimos destaca-se o interesse permanente de Boris por escritores como Machado de Assis, Valêncio Xavier (que ele ajudou a tornar conhecido) e Rubem Fonseca (cujos *Contos completos* prefaciou). Como tradutor, atividade que nele está associada à docência e à produção incessante de artigos e livros, combina trabalho em equipe (com os poetas Augusto e Haroldo de Campos, com Nelson Ascher) e trabalha de forma independente. Nas suas traduções sempre se caracterizou pela autonomia e pelo extremo cuidado com que trata o texto. Autores tão diferentes como Gorki e Tchekhov merecem em cada reedição das traduções, um reexame detalhado e importantes melhoramentos. Paralelamente a seu trabalho pessoal, Boris preocupou-se pela implantação e consolidação do estudos russos no Brasil, tanto dentro como fora da Universidade. Graças a seu exemplo e incentivo surgiu toda uma geração de tradutores e especialistas em literatura russa entre

nós e foi praticamente abolida a tradição anterior da tradução através de línguas intermediárias como o francês e o inglês.

Steven White: For Schnaiderman, I would be very curious to hear if he has any opinions about existing translations of great Russian poets such as Mandelstam, Akhmatova and, perhaps, Khlebnikov, in English. Does he think Joseph Brodsky sounds better in Portuguese than in English (which really seems unconvincing to me!)? He may not be familiar with the translations available in English.

Boris: O conhecimento que tenho de traduções de poesia russa para o inglês é insuficiente para opinar sobre o assunto.

Paulo Henriques Britto: O que eu perguntaria ao Boris? Uma questão que me interessa muito são as especificidades do inglês que dificultam a tradução para o português — vocabulário sensorial, monossilabismo, etc. Eu perguntaria a ele quais são as características do russo que são particularmente resistentes à tradução. Quer dizer, quando leio uma tradução do Puchkin, o que é, fundamentalmente, que estou perdendo? Tenho muita curiosidade, principalmente porque já li duas traduções do Eugene Onegin para o inglês, e são dois textos muito diferentes; queria saber qual deles tem mais a ver com os efeitos do original.

*Boris: Não gosto da expressão “texto intraduzível”, pois trata-se, no caso, dos grandes desafios que uma tradução apresenta. No entanto, alguns são bem difíceis de superar. E embora haja quem afirme que um tradutor não deve recorrer às notas, casos há em que não vejo outra solução. Na coletânea de textos, de Tchekov que publiquei com o título *A dama do cachorrinho e outros contos**

(Editora 34, 1999, 4^o edição), utilizei, além das notas de rodapé, outras agrupadas num apêndice onde eu explicava certas particularidades (utilizei este recurso em outras coletâneas também).

No posfácio ao referido livro, narrei uma dificuldade que surgiu na tradução. O título do conto “Casa-se com a cozinheira” é, no original, “Kukharka Jênitsia”. Mas, na realidade, em russo “jenítsia” significa “tomar mulher” e refere-se ao casamento do homem. A confusão lingüística do garoto revela a sua perplexidade e sublinha uma prática lingüística em russo difícil de transpor para outro idioma: o fato de haver expressões diferentes para o casamento do homem e da mulher. No referido posfácio, estendo-me um pouco mais sobre esse tema.

Inúmeras outras dificuldades se apresentam ao tradutor do russo. Por exemplo, a estrutura verbal é muito diferente. Assim, os aspectos de verbo têm peso decisivo, e as próprias conjugações se ligam diretamente à diferença entre os aspectos perfectivo e imperfectivo. Ora, isso tem relação forte com expressão da seqüência temporal.

O fato de não haver artigo em russo obriga, em cada caso, à escolha entre “o” e “um”. Assim, o romance famoso de Lérmonov foi traduzido por Paulo Bezerra como *O Herói do Nosso Tempo* (Editora Martins Fontes, 1999), mas poderia ser muito bem *Um Herói...* No caso, a opção pelo artigo definido representou um interpretação do texto, aliás plenamente válida.

Em russo há um verbo (aliás, dois – perfectivo e imperfectivo) para andar a pé e outro para qualquer outro tipo de locomoção, e isto pode acarretar dificuldades. Enfim, seria preciso gastar páginas e páginas desta revista para exemplificar melhor o que me foi pedido.

No caso específico de Püchkin, a grande dificuldade está em que ele utiliza sistematicamente uma linguagem muito singela e incisiva, sua poesia muitas vezes está bem próxima da prosa e, ao mesmo tempo, é fundamentalmente poesia. Ora, passando de uma língua para outra, é muito fácil cair no prosaico. E a sua prosa tam-

bém exige um trabalho cuidadoso para não se incorrer no trivial. Quanto às traduções do *Ievguêni Oniéguin* para o inglês, sei que existem várias, mas, como já disse, o meu conhecimento é insuficiente neste caso. Uma das grandes dificuldades consiste em reproduzir em outra língua a complexa estrutura que o poeta criou para as estrofes de seu romance-poema, e que ele foi enfileirando com uma leveza extrema. Vladímir Nabokov, que chegou a traduzir poesia russa para o inglês com grande competência e reprodução dos procedimentos formais de cada original, publicou uma vasta obra sobre o *Ievguêni Oniéguin*, em quatro volumes, onde critica violentamente as traduções inglesas até então existentes e apresenta a sua própria, em versos brancos, que, em seu entender, seria a única maneira de traduzir o romance-poema para o inglês, sem adulterar o texto. No entanto, li partes de uma tradução de Babette Deutsch do mesmo romance, com soluções que me pareceram bem interessantes.

Haroldo de Campos: *O que o Boris acha a respeito da língua portuguesa para a tradução de poesia russa. Proceder a dizer que há uma afinidade entre ambas as línguas em âmbito fônico?*

Boris: Embora o russo tenha fonemas que não existam em português, há qualquer coisa que aproxima essas línguas no âmbito fônico, principalmente quando se trata do português do Brasil. Isto já foi observado por vários autores, mas até hoje não li uma explicação lingüística para este fato.

Haroldo de Campos: *O que poderia dizer a respeito da poesia russa no Brasil divulgada via tradução.*

Boris: Não me agrada nem um pouco arvorar-me em juiz de obras alheias. Tanto mais que tenho visto, muitas vezes, um tradutor cometer tropeços bastante graves e depois apresentar um trabalho de

alto nível. Mas, ao mesmo tempo, não devo me recusar a responder esta pergunta.

Tendo trabalhado em traduções de poesia com Augusto e Haroldo de Campos, tive a satisfação de colaborar num projeto que representou, no meu entender, uma realização poética vigorosa, e eu lembro com carinho os dias que passamos lidando com aqueles textos. Na minha opinião, foi o que se fez de mais importante no sentido de trazer para o público brasileiro um pouco da tradição poética russa.

Nos últimos anos, tenho lidado com traduções de poesia russa, tanto moderna quanto clássica, com Nelson Ascher, e isso já resultou em textos que leio e releio com grande satisfação.

Li traduções poéticas muito boas do russo realizadas por Trajano Vieira, mas que só foram publicadas pela *Revista USP*. Outras que ele escreveu continuam inéditas, e é uma pena.

Luiz Sampaio Zacchi traduziu muito bem as quadras de Maiakóvski para a sua peça *Os Banhos*, mas também elas só apareceram na *Revista USP*. Houve diversas outras traduções de poesia russa para o português, algumas até com esforço louvável de divulgação, mas que não tiveram, na medida em que posso julgar, o apuro de linguagem poética das que relacionei há pouco.

Márcio Seligmann: *Como o Senhor descreveria a relação da poesia (e da prosa) russa contemporânea com o fim da URSS e com a atual crise russa. Essa produção é divulgada no Brasil? Quais os empecilhos para essa divulgação?*

Boris: Em meu livro *Os Escombros e o Mito – A Cultura e o Fim da União Soviética* (Companhia das Letras, 1997), tratei de modo bastante desenvolvido da relação da poesia e da prosa russas contemporâneas com o fim da União Soviética e defendi o ponto de vista de que os materiais aparecidos na Rússia a partir de 1985, e que estavam escondidos, modificam completamente a visão da cultura russa deste século. Penso até que toda a nossa abordagem da cultu-

ra a partir da década de 1920 tem que levar em conta esses materiais. Por exemplo, a atuação do grupo dos *Oberiúti*, que praticaram em Leningrado literatura do absurdo, inclusive teatro, em fins da década em questão, obriga a rever a concepção que se tem sobre esse tema. Um escritor e poeta como Daniil Kharms é, sem dúvida alguma, um precursor de Beckett e Ionesco.

No Brasil, tivemos divulgação muito escassa das obras que vieram à tona com a *glasnost*, o que se deve principalmente a considerações de natureza comercial. É preciso também levar em conta o número reduzido de tradutores do russo. Tenho certeza de que se eu me concentrasse nessa tarefa, teríamos agora mais obras desse acervo circulando no Brasil.

Quanto à relação da poesia e da prosa russas com a atual crise que o país atravessa, tratei desse tema, ainda que ligeiramente, em uns poucos artigos, mas sobretudo no número 20 da revista *Cult*, que saiu em março de 1999.

Márcio Seligmann: Qual a relação entre a literatura sobre o Gulag e a produção dos sobreviventes dos Campos de Concentração nazistas? Se elas são diferentes: qual o motivo dessa diferença e como explicá-la/demonstrá-la em termos da produção literária. Quais os principais autores sobre o Gulag na sua opinião?

Boris: A literatura do Gulag tem muito em comum com a dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas. Mas, ao mesmo tempo, há grandes diferenças. A maior, na minha opinião, está em que a esmagadora maioria dos prisioneiros soviéticos era de comunistas convictos. Muitos deles eram stalinistas e, na primeira oportunidade, escreviam cartas ao próprio Stálin ou a outros membros do governo, como foi o caso de Meyerhold. Há um poema de Olga Bergholtz, que sofreu terrivelmente nos interrogatórios, chegando a abortar em conseqüência disso, onde ela conta com júbilo que, durante a desestalinização empreendida por Khruschév, os reabilitados iam correndo aos comitês distritais do Partido, a fim

de solicitar sua reinscrição. E naturalmente, esta diferença de atitude aparece claramente na literatura.

Na minha opinião, o maior escritor entre os libertados do Gulag foi certamente Varlam Chalamov, com os seus *Contos de Kolimá*. Ele é quase desconhecido no Brasil, mas há uma tradução portuguesa editada em Lisboa. Aliás, Soljenítzin em seu *Arquipélago Gulag* mantém com ele um diálogo constante.

Em segundo lugar, viria certamente o próprio Soljenítzin, sobretudo com *Arquipélago Gulag*, *Um Dia de Ivan Dieníssovitch* e *O Pavilhão de Cancerosos* (neste, o tema é tratado menos diretamente). Mas, além destes autores, há toda uma literatura, rica e intensa, com diários, reminiscências, cartas etc.. Mais uma vez, tenho de indicar o meu livro *Os Escombros e o Mito*, pois ali dispus de maior espaço para tratar desse tema.

Cadernos de Tradução: Em sua longa carreira de tradutor você vê etapas diferentes? Houve um processo de evolução em sua compreensão e exercício da atividade?

Boris: Vejo nela essencialmente três etapas. Na primeira, quando tinha vinte e poucos anos, eu estava muito mal preparado e assinava minhas traduções com pseudônimo. Aliás, francamente, preferiria esquecê-las. Na segunda, voltei ao trabalho de tradutor, cõscio da responsabilidade que isso representava. A literatura era vista por mim como algo superior às outras ocupações, um ideal a atingir. Mas, devido a isso, com freqüência, minhas traduções pareciam mais rebuscadas que o original. Num artigo, cheguei a chamar esse tipo de trabalho de “tradução endomingada”. Só bem mais tarde, adotei o meu modo atual de traduzir, que busca maior fluência e naturalidade, além da fidelidade ao espírito do original: se o texto é rude e áspero, tenho de traduzi-lo assim, cuidando para que não se torne mais “literário”. Na presente fase de meu trabalho, conto com a colaboração de Jerusa Pires Ferreira, que revê

quase tudo o que eu escrevo, e isso certamente me ajuda a melhorar o nível.

CT: Como se deu a seleção dos textos que você traduziu? Foi você mesmo que escolheu os textos ou eles foram indicados pelos editores?

Boris: Sempre houve um consenso com os editores. Frequentemente, partiu de mim a escolha do texto, em outros casos atendi a pedidos. No entanto, até hoje, só traduzi as obras literárias com que eu quis ter maior convívio. Quanto a traduções de encomenda, sem maior predileção de minha parte, houve somente um curto período em que, por motivos financeiros, cheguei a traduzir alguns textos técnicos.

CT: Há textos que você gostaria de ter traduzido e não pôde traduzir por algum motivo?

Boris: Sem dúvida, houve obras que me atraíram e que deixei de traduzir, ora por desinteresse dos editores, ora pela impossibilidade de dedicar ao trabalho o tempo que ele exigia.

CT: Você é conhecido por suas traduções do russo. Você chegou a traduzir de outras línguas ou do português para o russo?

Boris: Ocasionalmente, cheguei a traduzir do inglês e do francês, mas nunca obras literárias. Não tenho traduzido do português para o russo, embora em umas poucas ocasiões tenha apresentado trabalhos em russo em congressos e colóquios. Na verdade, a minha língua de expressão literária é o português.

CT: *Como você vê a crítica de tradução no Brasil? Como a crítica recebeu, ao longo dos anos, o seu trabalho de tradutor?*

Boris: No Brasil, a crítica geralmente dedica pouca atenção ao trabalho do tradutor. Pessoalmente, não há motivos para me queixar. Ao contrário, temos contado quase sempre com uma benevolência extrema, mesmo em relação às minhas primeiras traduções, quando, na minha opinião, elas deixam muito a desejar.

CT: *Você conhece alguma reação a seu trabalho de tradutor de russo ao português na Rússia ou em outros países?*

Boris: Sim, pude constatar algumas reações. Sobretudo, em relação às traduções de poesia com Augusto e Haroldo de Campos. No prefácio à sua tradução do poema “Lênin” de Maiakóvski (Turim, Giulio Einaudi, 1967), o grande Angelo Maria Ripellino escrevia: “Memore dell’ esempio dei miei amici brasiliani Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, che sono riusciti a riprodurre a meraviglia nelle loro versione la stoffa sonora, gli artifici acustiche di alcune liriche di Majakovskij, ho tentato di riportare nella nostra lingua l’ assordante fonetica del poema”. E Roman Jakobson, quando esteve no Brasil, chegou a chamar de obra-prima nosso livro *Poesia Russa Moderna* (Civilização Brasileira, 1968; depois, ele foi ampliado, com o título *Poesia Russa Moderna – Nova Antologia*, Brasiliense, 1985, e teve diversas edições). Esta afirmação apareceu numa entrevista concedida a Laís Corrêa de Araújo (*Suplemento de Minas Gerais*, 9-11-1968).

O importante eslavista Victor Terras iniciava assim sua resenha do mesmo livro em *The Slavic and East European Journal*, número do inverno de 1969: “This attractive volume comes as a pleasant surprise. Rio de Janeiro is not exactly the place whence one could expect a well-selected, well-translated, and competently annotated anthology of modern Russia poetry to originate”. Evidentemente,

havia ali uma alusão direta à surpresa de ver surgir um livro daqueles em plena ditadura militar, com traduções de um nível, afirmava Terras, que fora alcançado pouquíssimas vezes em inglês. Houve também reações no exterior aos meus trabalhos individuais, tanto de tradução como de pesquisa, não obstante as barreiras lingüísticas. Um dos casos mais interessantes foi o do meu artigo “Púchkin, Tradutor de Gonzaga”, publicado no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* em 16-6-1962. Eu o escrevi como um comentário às referências que então apareciam na imprensa russa à tradução por Púchkin de uma das líras de Gonzaga. Mas, para escrever meu comentário, confrontei o texto de Púchkin com o do poeta árcade e também com a tradução francesa em prosa, de E. de Monglave e P. Chalas (1825), cuja indicação eu vi na *Formação da Literatura Brasileira* de Antônio Cândido, que me aconselhou procurá-la na Seção de Livros Raros da Biblioteca Nacional. Pois bem, o texto francês parece indicar sua utilização por Púchkin graças principalmente à “guitarra” que surge em lugar da “sanfonia” e que, do texto francês, parece ter passado para o belíssimo poema russo, uma verdadeira recriação. Ora, nos estudos russos eram comuns as especulações sobre uma aprendizagem do português pelo poeta, graças a possíveis contatos com marinheiros portugueses no porto de Odessa. O meu artigo dava, segundo me parece, um desmentido claro a tais fantasias e foi utilizado pelo importante comparatista M. P. Aleksiéiev, que, todavia, evitou assumir uma atitude polêmica. Pelo visto, nem ele, nem os autores daquelas lucubrações (pelo menos as que li) tiveram possibilidade de consultar a referida tradução francesa.

CT: *Em que medida sua condição de professor universitário beneficiou ou prejudicou seu trabalho de tradutor?*

Boris: A par das queixas justas que têm sido feitas à remuneração dos professores universitários, sobretudo nestes tempos de penúria

e cortes, deve-se reconhecer que a condição de professor proporciona quase sempre a possibilidade de aliar a atividade do tradutor com a atuação docente. Deste modo, acaba-se tendo mais chances de se concentrar no trabalho intelectual. No meu caso pessoal, não traduzi mais, principalmente porque tinha ambições de realização que não se restringiam a isto. Devo reconhecer, também, que o convívio com colegas da universidade me foi muito proveitoso.

CT: Como você vê a sua obra de tradutor em relação à sua obra de crítico literário?

Boris: Vejo estas atividades intimamente ligadas.

CT: Você traduziu poesia em colaboração com os poetas Augusto e Haroldo e Augusto de Campos e, mais recentemente, com Nelson Ascher. Como você avaliaria esse trabalho conjunto?

Boris: Ver minha resposta a Haroldo de Campos, item 2.

CT: Você acha que a tradução em colaboração funciona melhor na poesia do que na prosa de ficção ou no ensaio?

Boris: Acho que ela pode funcionar com igual êxito na poesia e na prosa.

CT: Você tem se caracterizado por revisar cuidadosamente suas traduções a cada nova edição. Como funciona o processo de revisão de suas traduções? Como você definiria a importância desta etapa na produção do texto traduzido? Como reagem os editores a essa preocupação sua?

Boris: Num texto, existe sempre algo a melhorar. Se na tradução propriamente dita é absolutamente indispensável um cotejo com o original, com a ajuda de alguém que lê em voz alta a parte traduzida, a revisão pode ser feita individualmente, com eventuais consultas ao texto de partida.

Os editores têm reagido muito favoravelmente a esta minha preocupação. A única exceção foi a Abril Cultural.

E ao tratar de editores, devo dar destaque especial a Jacó Guinsburg, meu amigo de muitos anos, que teve sempre muita compreensão para as minhas rabugices de tradutor e tornou-se também grande apreciador e conselheiro.

CT: *No trabalho de revisão de A dama do cachorrinho e outros contos, você cita a colaboração de Jerusa Pires Ferreira e de Dalton Trevisan? Como você caracterizaria a contribuição deles? Que sugestões você acatou e incorporou ao texto final?*

Boris: Conforme já tive oportunidade de dizer em minha resposta à Comissão Editorial, na primeira pergunta, Jerusa Pires Ferreira faz a revisão de quase tudo o que escrevo, ocorrendo também uma troca de idéias, que se revela muito proveitosa. Quanto ao meu contato com Dalton Trevisan, ele me deu várias sugestões para melhorar determinadas passagens da tradução, mas sobretudo apontou incorreções que havia cometido no posfácio e na nota biográfica. Devo dizer que incorporei ao texto, sem exceção, estas sugestões que foram feitas.

CT: *Como você vê a tradução do teatro russo ao português? A tradução do texto dramático russo apresenta problemas particulares em relação aos outros gêneros?*

Boris: Acho que, no caso do teatro, deve-se frisar particularmente a importância das traduções diretas. Tratando-se de algo a ser trans-

mitido oralmente, o tom justo é muito mais difícil de encontrar nos trabalhos de segunda mão.

CT: Que obras de autores russos ainda inéditas em português você aconselheria que fossem traduzidas?

Boris: A lista seria demasiado extensa. No momento, porém, acho de absoluta necessidade traduzir obras de Daniil Kharms, de quem já tratei em minha resposta a Márcio Seligman.

CT: Como você vê o atual movimento de Estudos de Tradução? Você acha que os estudos teóricos e críticos podem ser úteis para o trabalho concreto do tradutor?

Boris: Está claro que o tradutor só pode beneficiar-se com os estudos referentes a seu ofício. Não concordo com o espírito de desconfiança de alguns em relação às preocupações teóricas com a tradução.

CT: Quais seriam os conselhos que você daria a um tradutor iniciante?

Boris: Em primeiro lugar, traduzido o texto, nunca deixar de fazer o cotejo cuidadoso com o original. E além disso, lembrar sempre que a tradução literária é, geralmente, um bico bastante precário e, portanto, só deve ser exercida com muita paixão e empenho. Quem não tiver esta paixão, esta garra, procure uma ocupação mais rendosa. Outro lembrete que me parece importante: considerar sempre o seu trabalho como uma realização estética, que exige muita criatividade, e esta se desenvolve com o tirocínio. A busca da transmissão exata do espírito do original está ligada à “liberdade intencional, sem a qual não existe aproximação dos grandes

objetos”, como se expressou Pasternak no prefácio à sua tradução do *Hamlet*.

CT: Como são as traduções dos filmes russos ao português? Que relação você estabelece entre cinema e tradução.

Boris: As traduções de legendas me pareceram quase sempre bastante razoáveis. Aliás, é um trabalho difícil, pois não se trata simplesmente de traduzir o texto, mas levar em conta igualmente a sua localização na tela. Os filmes baseados em texto literários sublinham determinadas particularidades do original, e muitas vezes, sobretudo nos mais realizados, entram em diálogo com o autor, o que pode dar sugestões para uma tradução.

CT: Quais são as maiores dificuldades para se traduzir do russo ao português? Existem facilidades nesse processo?

Boris: Francamente, não me parece justo falar de “facilidades” neste caso. E quanto às dificuldades, são tantas e tão numerosas que o espaço seria pouco para enumerá-las. Uma exemplificação pode ser, no entanto, encontrada em minha resposta a Paulo Henriques Britto.

CT: Teve algum livro e/ou autor que você mais gostou de traduzir?

Boris: Sendo muito grande o meu envolvimento com a obra que traduzo, fica difícil indicar livro e autor que me tenham fascinado particularmente. Com o passar dos anos, este fascínio se esvaiu em relação a bem poucos, como foi o caso de *A Fossa* de A. Kuprin, uma das minhas primeiras traduções ainda com pseudônimo.

APÊNDICE I

Livros Publicados

Guerra em Surdina (ficção). São Paulo: Brasiliense, 1995, 3ª. ed.
A Poética de Maiakóvski Através de sua Prosa. São Paulo: Perspectiva, 1971.

Projeções: Rússia/Brasil/Itália. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Dostoiévski Prosa Poesia. São Paulo: Perspectiva, 1982. Prêmio Jabuti na categoria Ensaio.

Turbilhão e Semente – Ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

Tolstói – Anti-Arte e Rebeldia. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Os Escombros e o Mito – A Cultura e o Fim da União Soviética. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

APÊNDICE II

Organização de Coletâneas

Contos de Górkí (seleção, prefácio, tradução e notas). Rio de Janeiro: Philo-Bibliom, 1987, 2ª. ed.

Poemas de Maiakóvski (em colaboração com Augusto e Haroldo de Campos). São Paulo: Perspectiva, 1997, 6ª. ed.

Poesia Russa Moderna (em colaboração com os mesmos). São Paulo: Brasiliense, 1987, 5ª. ed.

A. P. Tchekhov, *O Beijo e Outras Histórias* (seleção, prefácio, tradução e notas). São Paulo: Abril Cultural, várias edições.

Rubem Fonseca - *Contos Reunidos* (seleção e posfácio), Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

A. Púchkin, “*A Dama de Espada*” e *Outros Contos* (seleção, prefácio, tradução e notas), São Paulo: Editora 34, 1999, 3ª. ed.

A. P. Tchekhov, “*A Dama do Cachorrinho*” e *Outros Contos*, São Paulo: Editora 34, 1999, 4ª. ed.

APÊNDICE III

Trabalhos em coletânea

“Dostoiévski: a Ficção como Pensamento”, in Adauto Novaes (org.), *Artepensamento*, São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

Traduções

Traduziu do russo mais de 30 livros dos principais autores.

Prefácios

Prefaciou diversos livros de autores brasileiros

Trabalhos na imprensa

Publicou em periódicos brasileiros mais de 350 artigos, na maioria sobre temas da cultura russa, além de alguns no exterior.

Participação em congressos e colóquios

Tomou parte em muitos eventos no país e no exterior, inclusive os seguintes:

Congresso dedicado a sua obra, na Universidade Metodista de São

Bernardo do Campo, S. Paulo, 1993.
Congresso sobre Bakhtin, realizado pelo Curso de Lingüística da USP, do qual foi presidente de honra, 1995.

Orientação de teses

Orientou cerca de 25 dissertações de Mestrado e Doutorado.